

**A GEOGRAFIA PLENA E INTEGRADA NA OBRA DE ROBERTO PAIXÃO\***

THE FULL AND INTEGRATED GEOGRAPHY IN THE WORK OF ROBERTO PAIXÃO

LA GEOGRAFÍA COMPLETA E INTEGRADA EN EL TRABAJO DE ROBERTO  
PAIXÃO**Antônio Firmino de Oliveira Neto<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho constitui-se na análise da obra *TURISMO NA FRONTEIRA: Identidade e planejamento de uma região de fronteira*, publicada na série *Fontes Novas*, em 2006, pela Editora da UFMS, de Roberto Ortiz Paixão, na perspectiva de ressaltar a importância da realização de uma Geografia plena e que analise de maneira integrada os aspectos físicos e humanos do território. Para tanto, fez-se um breve histórico de como a prática de uma geografia plena e integrada foi tornando-se tarefa cada vez mais difícil no pensamento geográfico.

**Palavras-chave:** Roberto Paixão. Geografia Plena e Integrada. Turismo.

**Abstract:** This work consisted in the analysis of the work *TOURISM AT THE BORDER: Identity and planning of a frontier region* by Roberto Paixão, published in the *Fontes Novas* series in 2006 by UFMS, to emphasize the importance of a full Geography that analyzes in an integrated manner the physical and human territory's features. Therefore, there was been made a brief history of how the practice of complete and integrated geography has become a more and more difficult task in geographic thought.

**Keywords:** Roberto Paixão, Full and Integrated Geography. Tourism.

**Resumen:** Este trabajo constituye el análisis del trabajo *TURISMO NA FRONTEIRA: Identidad y planificación de una región fronteriza*, publicado en la serie *Fontes Novas*, en 2006, por Editora da UFMS, por Roberto Ortiz Paixão, con la perspectiva de enfatizar la importancia de hacer Una geografía completa que analiza de forma integrada los aspectos físicos y humanos del territorio. Con este fin, se hizo una breve historia de cómo la práctica de una geografía completa e integrada se ha convertido en una tarea cada vez más difícil en el pensamiento geográfico.

**Palabras clave:** Roberto Paixão. Geografía completa e integrada. Turismo.

---

\* Este texto foi escrito em janeiro de 2018, para fazer parte de uma publicação que o Centro de Pesquisa em Análise do Discurso da UEMS-Campo Grande pretendia fazer em homenagem ao Roberto Paixão, que não aconteceu. Por ter sido escrito um mês antes do falecimento do Roberto, decidi manter a forma original, referindo-me a ele no presente.

<sup>1</sup> Doutor em Geografia. Professor do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAQ e dos Programas de Pós-graduação em Estudos Fronteiriços (UFMS/CPAN) e Estudos Culturais (UFMS/CPAQ). Aquidauana/MS. Email: [firmينو.oliveiraneto@gmail.com](mailto:firmينو.oliveiraneto@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0376410579246219>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7955-5417>.

## Introdução

O papel do espaço em relação à sociedade tem sido frequentemente minimizado pela Geografia. Esta disciplina considera o espaço mais como teatro das ações humanas.

Da totalidade ao lugar – Milton Santos

Escrever sobre o geógrafo Roberto Ortiz Paixão é algo relativamente fácil, em virtude da sua capacidade intelectual e da sua disposição laborativa. Mas, eu me pergunto: O que escrever sobre um amigo, sem cair em texto piegas, emotivo ou puramente elogioso? E ainda. Como escrever sobre um colega de profissão, sem ser contaminado por uma amizade que perdura por mais de vinte e cinco anos? Essa, de fato, é uma tarefa por demais difícil, pois convivo com o Roberto desde o início dos anos 1990, quando ele foi aluno de graduação do curso de Geografia, no Câmpus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde eu ainda sou professor.

Naquela primeira metade da última década do século passado o CEUA, como o campus era conhecido por toda a comunidade aquidauanense, constituía-se numa acanhada unidade da UFMS, com apenas quatro cursos. A condição de pequena comunidade universitária, formada por pouco mais de quatrocentas pessoas, entre docentes, técnicos-administrativos e acadêmicos, estabelecia com que todos se conhecessem e se esbarrassem cotidianamente nas restritas dimensões do prédio localizado no centro da cidade.

No período em convivi com o Roberto como seu professor, tive a oportunidade de observar que ele se destacava por dois aspectos: o primeiro dizia respeito ao seu comportamento em sala, onde se diferenciava pelo aguçado senso crítico e efusiva participação nos debates das aulas. Muito dessa característica era oriundo da experiência adquirida ao estudar o ensino médio no CERA<sup>2</sup> e das atividades que já havia desenvolvido como técnico agrícola em algumas fazendas da região. O segundo aspecto estava relacionado a profícua inserção entre os acadêmicos dos quatro cursos, que lhe permitia exercer alguma liderança, principalmente pela sua característica negociadora e aglutinadora. Característica que mantém

---

<sup>2</sup> CERA – Centro de Educação Rural de Aquidauana, foi uma escola secundarista que funcionou em regime de internato e oferecia curso técnico em Agropecuária. Criada em 1974, era inicialmente uma fundação vinculada à secretaria de Estado de Educação. Sobre o Cera existe a tese de Doutorado “CENTRO DE EDUCAÇÃO RURAL DE AQUIDAUANA-MS: ARTES EM PROFISSIONALIZAR (1974 - 2001)”, de Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani, defendida em 2009 no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ainda hoje na sua atuação como professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que lhe permitiu inclusive ser candidato a vice-reitor da UEMS.

Depois daquele momento no Ceua, Roberto e eu sempre mantivemos contatos pessoais e profissionais. Por causa do convívio como professor e aluno e de ouvir dele a constante afirmação de que pretendia continuar os seus estudos, é que apresentei ao Roberto o professor Eduardo Yázigi – na época meu orientador de mestrado, que se tornou seu orientador, tanto no mestrado, quanto no doutorado, ambos defendidos na Universidade de São Paulo. Nos últimos anos Roberto dedicou-se aos estudos das questões ambientais e do turismo e, para além das suas atividades docente e de pesquisa na UEMS, também prestou diversas assessorias e consultorias nessas áreas, tanto para órgãos públicos, como para entidades da iniciativa privada, confirmando o reconhecimento da sua competência.

Atualmente somos parceiros no Centro de Análise e Difusão do Espaço Fronteiriço – CADEF, da UFMS e no Grupo de Estudos em Fronteira, Turismo e Território – GEFRONTTER, da UEMS, onde desenvolvemos em conjunto várias pesquisas e outras atividades acadêmicas. Das diversas atividades profissionais que realizamos conjuntamente, posso destacar a participação como colaboradores, no diagnóstico socioambiental da bacia do rio Apa e no Zoneamento Econômico e Ecológico de Mato Grosso do Sul – segunda aproximação e consultores na elaboração do Zoneamento Econômico e Ecológico do Município de Campo Grande, realizado pela GROEN – Engenharia e Meio Ambiente.

Para continuar este artigo e não cair num texto piegas, emotivo ou puramente elogioso, como me referi no primeiro parágrafo, procurarei ater-me apenas àquela característica profissional que mais admiro no Roberto: a sua capacidade de realizar estudos geográficos que contemplem tanto os aspectos físicos, quanto os aspectos humanos da realidade espacial estudada. Nesse sentido, o objetivo é analisar a sua tese de doutoramento intitulada **TURISMO NA FRONTEIRA: Identidade e planejamento de uma região de fronteira**, publicada na série Fontes Novas, em 2006, pela Editora da UFMS, buscando abstrair-lhe os ensinamentos da produção de uma geografia plena.

### **A dificuldade de exercer uma Geografia plena**

Assuntos que dizem respeito a Geografia, com conteúdo que relacionam o homem com a natureza, o homem com o meio ou ainda a sociedade com a natureza, estão presentes em escritos desde a Filosofia Clássica. Na Grécia Antiga, filósofos como Heródoto ou Estrabão demonstravam os aspectos naturais e sociais dos locais por onde viajavam, fazendo descrições

de lugares, sempre na busca da inter-relação das características socioespaciais que permitissem atribuir alguma singularidade aos lugares. Porém, apesar da difusão e do uso do termo Geografia, o conteúdo a ele adjudicado era por demasiado variado, conforme enfatiza Antônio Carlos Robert de Moraes:

Ficando apenas ao nível do pensamento grego, aí já se delineiam algumas perspectivas distintas de Geografia: uma, com Tales e Anaximandro, privilegia a medição do espaço e a discussão da forma da Terra, englobando um conteúdo hoje definido como da Geodésia; outra, com Heródoto, se preocupa com a descrição dos lugares, numa perspectiva regional. Isto para não falar daquelas discussões, hoje ditas como geográficas, mas que não apareciam sob esta designação, como a da relação entre o homem e o meio, presente em Hipócrates (...). (MORAES, 1986, p. 32) .

Ao longo de muitos séculos, as descrições sobre a superfície terrestre; os exames da paisagem, da individualidade dos lugares e da diferenciação de áreas; as análises do espaço; ou ainda os estudos das relações entre o homem e o meio, foram realizados sob diversas perspectivas metodológicas, criando um cabedal de conhecimento geográfico sobre os mais variados lugares do planeta. Apesar da quantidade de trabalhos relacionados com os temas geográficos produzidos desde a Filosofia Clássica Grega, a sistematização da Geografia, enquanto ciência, só aconteceu há cerca de 200 anos. Vários são os autores brasileiros que fizeram estudos sobre os pressupostos e origens da Geografia e, dentre eles, podem ser citados Antônio Carlos Robert de Moraes, Nelson Werneck Sodré, Ruy Moreira e Wanderley Messias da Costa.

Foi, portanto, nos últimos duzentos anos, desde quando os prussianos/alemães Alexander von Humboldt e Karl Ritter estabeleceram, segundo Moraes (1986), uma linha de continuidade da disciplina Geografia, que os estudos envolvendo a relação entre os aspectos da natureza e os aspectos da sociedade que dela se utiliza, passaram a ser realizados seguindo critérios que permitiram o aprofundamento e a consolidação da sua sistematização metodológica. No entanto, essa nunca foi uma tarefa fácil, principalmente pela enorme dificuldade em definir sobre qual seria o objeto da Geografia, ou seja, sobre o quê, efetivamente, esse conhecimento científico deveria se debruçar. Moraes (1986) já alertou sobre esse problema.

Apesar da antiguidade do uso do rótulo *Geografia*, que foi mesmo incorporado ao vocabulário cotidiano (qualquer pessoa poderia dar uma explicação do seu significado), em termos científicos há uma intensa controvérsia sobre a matéria tratada por esta disciplina. Isto se manifesta na indefinição do objeto

desta ciência, ou melhor, nas múltiplas definições que lhe são atribuídas. (MORAES, 1986, p. 13).

O que se verificou, desde Humboldt e Ritter, foi a atuação de autores, das mais variadas correntes metodológicas, na elaboração de trabalhos geográficos enfocando diferentes objetos. O estudo da superfície da terra, sempre foi o mais usual dos objetos, pois apoiava-se no significado epistemológico do termo Geografia, mas foram feitos trabalhos em que o objeto principal seria o estudo da paisagem ou da individualidade dos lugares. Existiram ainda autores que trabalharam a partir da diferenciação das áreas ou aqueles que procuravam entender as relações entre homem e meio, assim como existiam também autores que entendiam a Geografia como o estudo do espaço.

A grande variedade e a diferenciação do estabelecimento do objeto a ser estudado, além de dificultar a definição do objeto da ciência geográfica, contribuiu também para a existência na atualidade do dualismo entre Geografia Física e Geografia Humana, como se a Geografia fosse duas ciências distintas com métodos e objetos próprios. Richard Hartshorne contestou a necessidade dessa divisão que, segundo ele, geralmente é aceita e tem sido seguida há dezenas de anos nos cursos universitários. O autor escreveu que:

(...) como se essa disciplina fosse constituída de duas partes, cada qual coerente e unificada: Geografia Humana e Geografia Não-Humana. É deplorável que tenhamos denominado a segunda de ‘Geografia Física’, expressão que possuía significado inteiramente diverso para os geógrafos há cem anos, e que apresenta várias acepções atuais de uso comum. (HARTSHORNE, 1987, p. 70).

Embora seja consensual de que não se deve separar os aspectos da natureza, ou seja, os aspectos naturais da terra, excluindo o homem, de outros fenômenos que sejam resultantes exclusivamente das ações humanas, “ao passo que há estreita similaridade entre as plantas cultivadas, objeto de estudos de uma dessas metades e a vegetação silvestre, investigada pela outra” (HARTSHORNE, 1987, p.70), os estudos geográficos da atualidade ainda são pautados pela diferenciação entre as Geografias Física e Humana. Mesmo observando um aumento significativo de geógrafos que procuram e conseguem articular nos seus estudos os aspectos físicos e humanos dos fenômenos estudados, ainda assim, é muito grande o número de trabalhos direcionados para apenas um dos dois aspectos. Existem até mesmo programas de pós-graduação específicos de Geografia Física ou de Geografia Humana, como é o caso da

Universidade de São Paulo – USP que apresenta dois programas distintos, numa clara distorção do entendimento da concepção fundadora da Geografia, pois:

Se não existe em Geografia, portanto, uma separação entre os elementos físicos e os elementos humanos, não temos uma disciplina formada de duas partes distintas. Mais propriamente, trata-se de uma disciplina em que alguns dos aspectos estudados terão sido, presumivelmente, em larga medida determinados pela natureza, sem a intervenção do homem; ao passo que outros aspectos não de ter sido, em grande parte, determinados pelo homem, agindo ao lado da natureza. (HARTSHORNE, 1987, p, 71).

Além disso, desde o início da sistematização da Geografia enquanto ciência, foram criadas, segundo Ruy Moreira, três tradições que resultaram em grande influência na formação dos geógrafos. A primeira seria a tradição da escola a partir de um pensador e seus discípulos. “Cada escola é um país, cada país uma escola. Talvez se flagre aqui o vínculo da Geografia com o Estado”. (MOREIRA, 2008, p. 37), existindo a escola francesa, a escola alemã, a escola norte-americana, etc. A segunda tradição seria das geografias setoriais, “Por esse prisma, há o geógrafo urbano, o geógrafo agrário, o geomorfólogo...” (Idem). Por fim, Moreira elenca a terceira, para ele esquecida e dissolvida dentro das outras duas, que é a tradição do geógrafo criador de matriz de pensamento, “Imbuídos seja de uma tradição ou de outra, não nos demos conta de que cada geógrafo se distingue do outro por sua forma própria de pensamento” (Idem).

Se, para Moreira, a Tradição da escola colocava todos os pensadores num plano das generalidades, impedindo as originalidades, a tradição das geografias setoriais impedia a visão mais geral, tornando-as simplistas, restaria “considerar as distintas raízes de pensamento de que cada uma parte e filia sua visão de mundo [...] para que a evidência das originalidades se oferecesse” (MOREIRA, 2008, p.38). Nesse sentido, é necessário que o geógrafo se desvincule das escolas e das amarras das geografias setoriais, para que ele possa evidenciar a base do pensamento em que está fincada a sua matriz teórica geográfica. Para Moreira:

A dissolução do paradigma de tradição de escolas e de setores, ao contrário, enfatiza contra a primeira a inteligência do indivíduo-criador, dando lugar a um olhar voltado para a descoberta do que de original se pode ver nos autores, os respectivos modos e estilos de pensamento, e, conta a segunda, a inteligência dos fenômenos em sua integralidade do uno-múltiplo, dando lugar a um olhar de unidade holista. (MOREIRA, 2008, p. 46-47).

Desta forma, verifica-se na atualidade a dificuldade dos geógrafos na produção de trabalhos que contemplem aquilo que foi “reiteradamente exposto nos escritos de Humboldt e

Ritter acerca da unidade indivisível de todos os aspectos da terra”. (HARTSHORNE, 1987, p, 79). Isso não quer dizer que o geógrafo só possa encarar o todo como um todo, mas que ele possa superar a dificuldade em encontrar meios que, concentrando-se nas particularidades dos aspectos e estudando as inter-relações e relações com outros aspectos, possa apreender a totalidade existente na realidade. E, para a Geografia, as inter-relações que interessam, variam de um lugar para outro, dificultando ainda mais, a definição dos procedimentos metodológicos.

Nesse contexto é que, neste artigo, pretendo contribuir para a discussão sobre o papel do geógrafo na análise espacial da atualidade, encarando a tarefa de demonstrar os aspectos unitários da ciência geográfica contido na obra do professor Roberto Ortiz Paixão.

### **A Geografia integrada na obra de Roberto Paixão.**

Ao analisar a fronteira do Brasil com a Bolívia, numa área por ele denominada de “Região Turística Internacional de Corumbá”, Roberto Ortiz Paixão (2006) fez um trabalho audacioso, pois buscava contribuir teórica e metodologicamente para o debate sobre questões territoriais, enfocando a análise dos fatores que permeiam a (re)produção espacial do turismo em áreas de fronteiras e as regiões de planejamento. Embora esteja bem evidente no seu trabalho a opção pela interpretação integrada das relações homem-natureza, Paixão aponta a dificuldade da sua realização, principalmente na incorporação do turismo.

Sabemos que, atualmente, apesar de a Geografia guardar em sua origem uma proposta pretensamente holística quanto ao objeto de estudo, o espaço geográfico, a perspectiva una de abordagem sintetizadora das interações sociedade-natureza mostrou-se comprometida já na formação de seus princípios fundamentais.

Daí a fragmentação, a fragilidade e até mesmo a recusa de vertentes dessa ciência em perceber o turismo como objeto de estudo, já que a Geografia, do ponto de vista teórico-metodológico, ora se mostra com forte nuança empírica, ora se mostra excessivamente no campo do discurso. (PAIXÃO, 2006, p.46).

Para a discussão teórica, Paixão elege algumas categorias de análises muito caras à ciência geográfica como: região, território, fronteira e planejamento. E, deixa claro a sua vontade em trabalhar os aspectos físico e humanos de maneira integrada, ao mesmo tempo que opta pelo recorte regional, quase que exclusivamente humano, mencionado por Milton Santos (talvez o mais humano dos geógrafos brasileiros), “quando ele discorre sobre as contiguidades territoriais dos lugares vizinhos, as quais denomina de horizontalidade” (p. 18). Para tanto, Paixão inicia descrevendo os aspectos físicos contidos no seu recorte regional:

Horizontalidades que, no caso deste estudo, é marcada por uma identidade fisiográfica tomada por planaltos residuais que se apontam isoladamente, ou em conjunto, nas bordas de uma imensa planície de sedimentação, na qual se efetivou uma construção sócio-espacial que configurou uma conurbação de fronteira onde o turismo desponta como uma de suas tentativas de afirmação econômica. (PAIXÃO, 2006, p. 18).

Por tratar-se de um fenômeno não muito novo, mas de interesse recente, Paixão introduz discussão sobre turismo, que se tornou objeto de várias ciências, incluindo a própria Geografia. A existência de grande quantidade de profissionais formados em cursos de Bacharelado em Turismo que realizam as mais variadas pesquisas sobre a temática, resulta em forte reivindicação do reconhecimento do Turismo como ciência. Assunto delicado que apresenta intensos debates no meio acadêmico e, particularmente na Geografia. Paixão não se eximiu dessa tarefa e escreveu:

Ainda hoje, no discurso de alguns geógrafos, é perceptível a negação em relação à abordagem do turismo por sua ciência. Essa situação parece estar diretamente relacionada, de certo modo, a uma ortodoxia marxista de ordem teórico-metodológica presente na geografia humanista brasileira das últimas décadas do século XX. Isto se acentua ainda mais, quando o trabalho é direcionado para o planejamento do espaço turístico, conforme crescentes demandas de mercado. (PAIXÃO, 2006, p. 47).

Roberto Paixão explica que entende o turismo “como um fenômeno de grande mobilidade e intensidade na produção e reprodução do espaço geográfico” (p. 29) e lembra que a atividade em plena expansão global atrai forte empenho dos setores governamentais, privados e não governamentais na busca ou de lucros ou de enfrentamento da crise vivenciada por muitos municípios. Nesse sentido, Paixão alerta para os riscos que as atividades econômicas relacionadas ao turismo podem trazer à paisagem, mesmo considerando que os impactos ambientais existem em qualquer atividade humana. Para ele, os riscos são maiores por que o setor apresenta fragilidades estruturais, “especialmente com relação à carência de profissionais com competência técnica para o planejamento do turismo” (p. 53).

Paixão critica o fato de que muitos municípios descartam a Geografia como instrumento de pesquisa e gestão do turismo, apesar da grande capacidade de contribuição ao planejamento territorial por ela possibilitada. Mesmo reconhecendo que muitas ciências se debruçam sobre as questões relacionadas ao turismo e do seu planejamento, ele assevera que:



Dentre as ciências que têm focalizado esse objeto, muitas adotam posturas positivista e tendem, conforme já mencionado, ao reducionismo do fenômeno turismo enquanto perspectiva de transformação paisagística e espacialização. Há casos, por vezes, em que ocorre a falta de regulamentação, advindo daí a falta de legitimação para o exercício do planejamento territorial, urbano ou rural, no qual se inclua a atividade turística. (PAIXÃO, 2006, p. 53).

Nesse sentido Paixão enfatiza a importância da ciência geográfica para esses estudos:

Dessa forma, o turismo, tomado como objeto de estudo por variados campos do conhecimento humano, ainda representa frente carente de explorações e contribuições da Geografia, sendo conveniente lembrar que, nesse sentido, os geógrafos podem e devem ser tributários a uma perspectiva de contribuição que vá além das costumeiras demandas que lhe são postas por outras ciências, ou mesmo pela sociedade em geral, como o de proceder ao levantamento e a cartografia das potencialidades naturais, artificiais e infra-estruturas dos lugares para o desenvolvimento dessa atividade. (PAIXÃO, 2006, p. 61).

Porém, é necessário que os geógrafos se atentem para que suas ações estejam centradas na relação entre a existência dos recursos, na sua utilização pelo turismo e nos possíveis impactos causados pela atividade, evitando o engajamento exagerado naquilo que Paixão entende como o “paradigma da sustentabilidade”. A ciência geográfica pode ajudar a compreender a gênese do fenômeno turismo, como um processo que implica em alterações de paisagens e territorialidades. Para Paixão o turismo não pode ser estudado somente sob o “enfoque empírico-reducionista”, adotado por ciências positivistas, que apenas atendam as demandas do mercado, ou mesmo em trabalhos de Geografia exclusivamente empirista. Por outro lado, o autor alerta para não se negar o turismo como objeto de estudo que, “epistemologicamente, é inerente à ciência geográfica, sob o pretexto de subserviência da Geografia aos interesses mercadológicos do sistema capitalista” (p. 62), pois:

Essa é uma polêmica que ainda tem sido constatada na geografia, principalmente ao se tratar da abordagem geográfica sobre o planejamento territorial do turismo, o que por certo contribui para mais um fracionamento no modelo Geografia Física x Geografia Humana: a Geografia do Turismo. (PAIXÃO, 2006, p. 62).

Buscando contextualizar as atividades turísticas no mundo atual, de movimentações em massa, de economia globalizada e de preocupações com a sustentabilidade do planeta, Roberto faz um panorama sobre a relevância do turismo no período posterior a Segunda Grande Guerra.

Para tanto, ele estabelece relações e correlações entre turismo de massa e aquele conflito bélico, a guerra fria decorrente do conflito e da divisão do mundo em países socialistas e países capitalistas, as preocupações com a questão ambiental e a globalização econômica. Paixão insere contundentemente a discussão do turismo na ciência geográfica ao estabelecer o seu objeto de estudos numa região turística de fronteira, e alerta que “se o estudo das fronteiras apresenta-se complexo como objeto de investigação acadêmica, sua associação ao termo região só faz aumentar tal complexidade em todas as instâncias e situações imaginadas” (p. 103), podendo se ampliar do senso comum para as discussões técnicas ou políticas, elevando para o plano teórico o que se apresenta apenas no campo empírico.

Mesmo considerando que, na ciência geográfica, não houve muito avanço aos estudos das fronteiras e o seu entendimento “tem se mostrado confuso e carente de investigações sob o prisma teórico ou pragmatista”, acentuado quando considerados “os processos de urbanização contígua em áreas fronteiriças, que abrangem uma conurbação em territórios de duas nacionalidades” (p. 67), como é o caso do seu objeto de estudos, Paixão considera que a “composição terminológica região e fronteira abre uma gama de possibilidades de análise em conformidade aos objetivos pelos quais são evocadas a cada espaço-tempo” (p. 103).

Na Geografia brasileira, por vieses diferentes, a região tornou-se importante categoria de análise, tanto na academia, quanto nos órgãos de planejamento. Na academia pelo alcance da matriz teórica francesa que influenciou o pensamento geográfico pelo mundo afora, incluindo o brasileiro, e nos órgãos de planejamento por influência da *New Geography*, de origem americana, que foi incorporado à Geografia praticada no IBGE. Nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1990, os estudos da região vêm sendo paulatinamente substituídos pelo uso dos conceitos de território. Talvez por falta de maior discussão conceitual na Geografia, a região tem sido apropriada no senso comum para o estabelecimento entre diferentes lugares, apontando aspectos representativos do vivido ou do imaginado, baseados em empirismo simples, desconsiderando os elementos que baseiam as discussões acadêmicas e conceituais sobre o assunto.

Para os espaços fronteiriços a conceituação empirista de região, baseada no senso comum, é ainda mais latente, demonstrando a necessidade de realização de mais estudos científicos e, particularmente, geográficos, que contribuam para o seu entendimento. Roberto Paixão argumenta que “isso, por certo, não tardará a ser reclamado numa intensidade maior que a já desencadeada, sobretudo à Geografia Humana” (p. 104). Ele afirma ainda que:

Na Geografia, o termo região pode e deve ser perseguido insistentemente como um objeto que está além do empiricismo com que é sobremaneira tratado por outras ciências, chegando mesmo a um destaque teórico metodológico em diversas correntes do pensamento geográfico. O termo região obteve destaque já nos primórdios da formação dessa ciência através das escolas geográficas alemã e francesa. (PAIXÃO 2006, p. 104).

Ao mesmo tempo em que busca os referenciais que expliquem conceitualmente o local objeto dos seus estudos, Roberto apoia-se nas Geografias Física e Humana, procurando afirmar a singularidade do lugar e a sua resistência ao processo de homogeneização das paisagens imposto pelo processo de globalização, comparando-o com outras regiões do estado e de fronteira. São os aspectos físicos que abrem as diferenciações entre a região de Corumbá e a região de Dourados e Ponta Porã – escolhida por Roberto como o outro elemento de análise, ambas na “condição de parte do território sul-mato-grossense” (p.133). Em Dourados e Ponta Porã o clima mais ameno e a natureza de sua constituição geológica, pedológica e geomorfológica “tornaram-se facilitadores ao processo de antropização”, possibilitando a produção de “paisagens agropastoris, artificiais e com maior intensificação do uso do solo”, produzindo o que ele descreve como “mesmice paisagística, conduzida predominantemente sob tutela da sojicultura” (p. 133). Já sobre Corumbá, Paixão escreve:

Ocorrem temperaturas mais altas e com maior índice de umidade do ar no verão, aumentando a sensação térmica de calor, além de ocorrências de inversões térmicas no inverno seco, com súbitas quedas de temperatura, que não raro surpreende os visitantes, principalmente os turistas de pesca, para quem a região é tida como de temperaturas predominantemente altas, ou, quando muito, com invernos um pouco desconfortáveis. Isso seria verdadeiro se não fosse a rapidez com que as massas polares se deslocam pela calha do rio Paraguai atingindo essa região, além de sua interação com o afloramento geológico, sob o qual estão justapostos os núcleos urbanos, produzindo uma sensação térmica de frio maior do que a temperatura real. (PAIXÃO, 2006, p. 133).

Por causa das características físicas determinadas pela localização geográfica, pelo regime climático e pela dispersão das águas nas suas “planícies lacustres e fluviais”, constituintes da sua formação natural, o território de Corumbá apresenta “dificuldades para a intensificação do uso do solo nas áreas de planície ao longo do ano” (p.133). Se, por um lado a complexidade natural limita a utilização das terras da mesma forma que é feita nas bordas do pantanal e na região de Dourados e Ponta Porã, por outro lado, ela propicia “à pecuária a fartura

de suas pastagens naturais durante boa parte do ano, além de produzir uma beleza cênica” (p.133), favorecendo a diversidade e a pujança biológica, com fauna e flora exuberantes e influenciando no cotidiano e na sua formação identitária.

Para Paixão outro elemento de importante foi o distanciamento dos municípios que compõem a sua área de estudos, em relação aos centros administrativos e financeiro dos seus países. Essa realidade possibilitou maior interação entre eles, numa situação que persiste até os dias atuais, apesar dos avanços nos meios de transportes e comunicação. Os contatos, as intensas trocas e as constantes interações das sociedades dos municípios de Puerto Soares, Puerto Quijaro, Corumbá e Ladário, permitem o estabelecimento de “temporalidades que não se excluem, na medida que transcorrem como contiguidades histórico-geográficas” (p.137), possibilitando, na análise de Paixão, a configuração da “Região de Corumbá”, onde estão estabelecidos “intervalos temporais, que evidenciam particularidades na preponderância de determinadas funções produtivas, sejam por parte das sociedades locais ou da atuação de forças exógenas” (p. 137). Roberto assevera ainda:

Entretanto, sabe-se que nas regiões de fisiografia mais uniforme, como nos planaltos que bordejam o Pantanal, muito se tem perdido na identidade pelo uso que suas sociedades têm feito do solo, bem como pela instalação de firmas sob as mais variadas formas. Isto reforça a recorrência às periodizações como uma perspectiva de melhor compreendermos as feições e personalidades (identidade) de um dado espaço, urbano ou regional. (PAIXÃO, 2006, p. 137).

Por isso, Paixão recorre ao estudo da relação entre a fisiografia e a herança urbana daquelas cidades fronteiriças, considerando-a como elemento importante que distingue a produção social do lugar, da produção social de outros locais e, conseqüentemente, a configuração de região. Apoiando-se nos ensinamentos de Eduardo Yazigi, o autor argumenta que “é possível hierarquizar os atributos de maior estabilidade na caracterização da identidade de um lugar, onde a fisiografia e o padrão arquitetônico, respectivamente, despontam nesse sentido” (p. 137). E reforça que, na condição de fronteira a região de Corumbá é marcada pela mistura dos valores culturais e tradições brasileiras e bolivianas, presentes nas manifestações religiosas (banho de São João no rio Paraguai, festas de Nossa Senhora do Pantanal e de Nossa Senhora de Urkupiña), artísticas (viola de cocho) e gastronômicas (salteña, caldo de piranha, peixe á urucum, arroz boliviano, sarrabulho, e as bebidas como chicha e mate chimarrão), constituintes de uma identidade que, ultrapassando os limites territoriais impostos pelos poderes nacionais, diferenciam o lugar e formam a Região de Corumbá.

### Considerações finais

Fazer estudos geográficos de forma plena, que integre os aspectos físicos e humanos da realidade estudada, é uma tarefa difícil para qualquer geógrafo. Ao longo dos últimos séculos, as duas vertentes da ciência geográfica, ou seja, a Geografia Física e a Geografia Humana, foram se distanciando nos seus aspectos metodológicos e quase que se transformaram em duas ciências distintas. Existe inclusive profissionais que defendem a idéia de que sejam mesmo duas ciências distintas, uma vinculada às ciências naturais e a outra às ciências humanas. No entanto, nos últimos anos, muitos são os autores que buscam resgatar, nos estudos geográficos, as análises integradas da realidade, de maneira que os aspectos duos do território possam ajudar no entendimento da sociedade que o habita e usa.

Roberto Paixão certamente se encaixa no perfil dos geógrafos que buscam analisar a realidade do território a partir da junção dos aspectos físicos e humanos nele constantes. Ao analisar a obra *TURISMO NA FRONTEIRA: Identidade e planejamento de uma região de fronteira*, é possível verificar que a tarefa de Paixão se apresenta ainda mais árdua, pois além de procurar praticar uma Geografia plena e integrada, ele acrescenta discussões conceituais sobre Turismo e Região. Afirmando a importância da ciência geográfica na discussão sobre as atividades relacionadas com o Turismo e as suas consequências no território, Paixão consegue, a partir da análise dos aspectos fisiográficos, históricos e urbanos do território constituído pelos municípios de Puerto Soares e Puerto Quijaro, na Bolívia e Corumbá e Ladário, no Brasil, construir teoricamente a existência da “Região de Corumbá”.

Ao mesmo tempo em que Roberto ousa ao conceituar o seu objeto de estudos como região, num momento em que a Geografia praticamente abandona esta categoria de análise, ele não abre mão de apresentar suas críticas à ciência geográfica. Refere-se à falta de estudos mais aprofundados sobre a temática de fronteira, ou mesmo sobre a relação conflituosa que a Geografia, apresenta em relação ao Turismo e a sua importância para a análise das consequências das atividades turísticas no território e na paisagem. Com muita segurança e utilizando-se de vasta bibliografia, Roberto demonstra maturidade teórica.

### Referências

HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec e Editora da Universidade de São Paulo, 1978. Trad. Thomaz Newlinds Neto.

MORAES, A.C.R, **GEOGRAFIA: pequena história crítica**. 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 1986.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro – vol. I: as matrizes clássicas originárias.** São Paulo; Contexto, 2008.

PAIXÃO, R.O. **TURISMO NA FRONTEIRA: Identidade e Planejamento de uma Região.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2006.

*Recebido em 11 de dezembro de 2019*

*Aceito em 28 de fevereiro de 2020*

*Publicado em 20 de abril de 2020*